

11/9/2001: A construção da ideia de uma “nova era”

9/11/2001: The construction of the idea of a “new age”

Mariana Vitória Fontes Costa

Todas as palavras tomadas literalmente são falsas. A verdade mora no silêncio que existe em volta das palavras. Prestar atenção ao que não foi dito, ler as entrelinhas. A atenção flutua: toca as palavras sem ser por elas enfeitiçada. Cuidado com a sedução da clareza! Cuidado com o engano do óbvio! (Rubem Alves)

Resumo

Este trabalho apresenta uma análise dos discursos proferidos pelo ex-presidente dos Estados Unidos da América (EUA), George W. Bush, entre 11/9/2001 e 11/9/2008. O objetivo é identificar as principais estratégias utilizadas para a construção discursiva da ideia de que os atentados terroristas ocorridos no dia 11/9/01 representaram o marco inicial de uma “nova era” no sistema internacional. Este estudo tem base construtivista e é fundamentado, principalmente, pelo modelo de análise de discurso elaborado por Norman Fairclough. Adicionalmente, esta pesquisa é corroborada por teorias que explicam como ocorre a construção de uma questão de segurança, visando à compreensão do processo de securitização realizado pelos EUA a partir do dia 11/9/2001.

Palavras-chave: 11/9/2001; Análise de discurso; Estados Unidos; Nova era; Segurança.

Os ataques terroristas contra os Estados Unidos da América (EUA) em 11/9/2001 deram início a uma série de mudanças no sistema internacional (SI). Jackson assim resume as principais transformações ocorridas:

Since September 11, 2001, most countries have introduced new legislation to combat terrorism, and have allocated greatly increased resources to agencies tasked with security – the military, police, intelligence and prison services. In almost every case, these new laws greatly increase the powers of the security agencies, allow for the detention of suspects without trial and widen the definition of the kinds of activities that fall under the rubric of terrorism. (JACKSON, 2005, p. 23)

Nos EUA foram criados novos departamentos e agências, como o *Department of Homeland Security* – destinado a “garantir a segurança nas fronteiras e nos transportes e coordenar o preparo para atender a emergências nacionais e responder a incidentes terroristas” (JACKSON, 2005, p. 15).¹ Outro instrumento criado na campanha antiterrorista estadunidense foi a legislação *Uniting and Strengthening of America to Provide Appropriate Tools Required to Intercept and Obstruct Terrorism Act of 2001 – The USA Patriot Act*. Esse “Ato Patriota” autoriza a espionagem de qualquer indivíduo, através de grampos telefônicos e da leitura de *e-mails* privados, além de permitir a detenção de imigrantes, sem julgamento, por até uma semana, por qualquer suspeita de apoio ao terrorismo (JACKSON, 2005).

Essas mudanças foram corroboradas por um ato discursivo que construiu a ideia de que o 11/9/2001 representou o nascimento de uma “nova era”. Legitimados por seu público, determinados discursos tiveram o papel de redefinir a realidade social, centrados na argumentação de que esses atentados terroristas marcaram uma ruptura no antigo SI.

O objetivo deste estudo é apresentar uma análise dos discursos de George W. Bush, na tentativa de compreender como o presidente estadunidense construiu a ideia de que o dia 11/9/2001 representa o marco do início de uma “nova era” no SI.² Pretendemos, também, compreender o papel dos atos discursivos presidenciais

1. [...] ensure border and transportation security, and coordinate national emergency preparedness and response to terrorist incidents.

2. A noção de que os discursos de George W. Bush fixaram a ideia do nascimento de uma “nova era” pós 11 de setembro já foi discutida por outros atores, dentre os quais se destaca Jackson (2005). Em uma análise de discurso aprofundada a respeito da construção da imagem dos atentados terroristas de 11 de setembro, Jackson (2005, p. 57) lembra Friedman, ao dizer que “[é] comum dizer que os eventos de 11 de setembro de 2001 representaram o dia em que tudo mudou, o fim de uma fase da história humana: ou simplesmente, ‘o começo da Terceira Guerra Mundial’” (Tradução nossa. “It is a common refrain that the events of September 11, 2001, were the day that everything changed, the end of one phase of human history, or simply ‘the beginning of World War III’”). Também baseamos a nossa argumentação na própria análise discursiva que desenvolvemos previamente. De acordo com Milliken (1999), a credibilidade de uma análise de discurso reside, em grande parte, na tarefa do pesquisador de ler todos os discursos mais de uma vez, a fim de checar e redefinir seu estudo para que ele se aproxime da base empírica.

como construtores sociais da realidade, a partir da identificação de uma relação reflexiva entre o que é argumentado e as mudanças discursivamente validadas.

Apesar de os eventos ocorridos em 11/9/2001 já terem sido amplamente examinados no campo das Relações Internacionais, este estudo pretende, modestamente, preencher uma lacuna ainda existente. A ausência de um trabalho que elucide os principais aspectos discursivos que construíram a ideia do nascimento de uma “nova era”, e que resultaram em mudanças concretas no atual sistema internacional, justifica a necessidade de se realizar esta análise discursiva.

Selecionamos, para tal fim, os discursos presidenciais de Bush, proferidos entre o período de 11/9/2001 e 11/9/2008.³ O marco inicial foi escolhido, já que a construção discursiva da ideia de uma “nova era” se deu a partir dos eventos ocorridos nesse dia. Já o ponto final de nossa análise, 11/9/2008, coincide com o último ano do segundo mandato do presidente estadunidense.

A fim de nos limitarmos a discursos relacionados ao tema desta pesquisa, selecionamos aqueles que continham pelo menos uma das seguintes expressões: “new era”, “new type”, “new system”, “unprecedented”, “never before”, “changed the world”, “September 11” e “September the 11th”,⁴ além de discursos que continham a combinação das palavras “war” e “Afghanistan”; “war” e “Iraq”; “terrorism” e “Madrid”; e “terrorism” e “London”.⁵

Um dia simbólico

Para construir a ideia de uma “nova era”, Bush reitera discursivamente a importância do 11/9/2001, como um marco que representa tanto a ruptura na antiga visão estadunidense do SI, quanto o nascimento de uma nova questão de segurança.⁶

Primeiramente, o presidente procura convencer sua audiência de que o dia 11/9/2001 deve ser lembrado como uma data simbólica, caracterizada por uma série de eventos súbitos que abalaram o SI. O peso do evento é reforçado, através da construção discursiva de que um único dia mudou todo o mundo.

3. Os discursos presidenciais analisados se encontram no *website* da Casa Branca (THE WHITE HOUSE. *Presidential News and Speeches*. Disponível em <<http://www.whitehouse.gov/news/>>. Acesso em: 10 ago. 2008).

4. “Em português, “nova era”, “novo tipo”, “novo sistema”, “sem precedentes”, “nunca antes”, “mudou o mundo”, “11 de setembro” e “o 11 de setembro”.

5. Em português, “guerra” e “Afeganistão”; “guerra” e “Iraque”; “terrorismo” e “Madri”; e “terrorismo” e “Londres”.

6. Quando um assunto é tratado como uma questão de segurança, é sugerida a presença de uma ameaça existencial ao Estado, à sociedade, ao território ou a outro objeto em questão. A construção de uma questão de segurança é feita discursivamente, através da argumentação de que determinada questão deve ter prioridade sobre outras, na tentativa de fazer com que a audiência legítima a adoção de medidas emergenciais e ações que extrapolam os limites normais dos procedimentos políticos (BUZAN; WÆVER; WILDE, 1998).

Americans have known the casualties of war – but not at the center of a great city on a peaceful morning. Americans have known surprise attacks – but never before on thousands of civilians. All of this was brought upon us in a single day – and night fell on a different world, a world where freedom itself is under attack.⁷

Em segundo lugar, Bush procura argumentar que o 11/9 mudou o mundo, pois trouxe ensinamentos sobre os EUA e o SI: “On that day, we learned that vast oceans and friendly neighbors no longer protect us from those who wish to harm our people”.⁸ Assim, Bush justifica os novos processos de tomada de decisão como sendo influenciados pelas “lições do 11/9”. Ou seja, este não mudou apenas a visão dos EUA sobre o mundo, mas a forma de agir sobre ele:

Much of my decision-making, by the way, is based upon what happened on September the 11th. It had an effect on me, just like it had an effect on the country. I’ve never forgotten that day. I’ve never forgotten the lessons learned, and so when we saw (sic) a threat, we got to take it seriously. Oceans could no longer protect us. The enemy was able to strike us and kill, and they were dangerous.⁹

Essa “nova forma de agir” se refere a uma postura mais ofensiva em relação às questões de segurança, caracterizando a chamada *Bush doctrine* – a doutrina Bush (JACKSON, 2005). Nessa doutrina, os EUA se reservam o direito de se opor a qualquer país que eles acreditem estar apoiando terroristas ou ameaçando os interesses estadunidenses.

Na tentativa de justificar a doutrina Bush,¹⁰ o presidente cita as lições do 11/9, que teriam ensinado que os países “amantes da paz” devem agir antes que ocorra algum mal. Bush também justifica essa nova postura dizendo que o 11/9 não pode ser pensado como um fato isolado. Segundo ele, esse evento apenas marcou o surgimento de um cenário de insegurança no SI, ao desmascarar as intenções perversas de certos Estados em relação aos EUA.

America’s determination to actively oppose the threats of our time was formed and fixed on September the 11th, 2001. On that day we saw the cruelty of the terrorists, and we glimpsed the future they intend for us. They intend to strike the United States to the limits of their power. They seek weapons of mass destruction to kill Americans on an even greater scale. And this danger is increased when outlaw regimes build or acquire weapons of mass destruction and maintain ties to terrorist groups.¹¹

7. Discurso proferido em Washington D.C., em 20 de setembro de 2001.

8. Discurso transmitido pela rádio, em 20 de agosto de 2005.

9. Discurso proferido na Carolina do Norte, em 6 de abril de 2006.

10. A construção da questão de segurança só se concretiza quando alcança aceitação da audiência. Ou seja, um processo completo de securitização começa com a apresentação discursiva de uma ameaça existencial e só é finalizado quando o argumento surte efeito suficiente para fazer com que a audiência tolere e legitime a violação de regras e a adoção de medidas excepcionais (BUZAN; WÆVER; WILDE, 1998).

11. Discurso proferido em Oak Ridge, Tennessee, em 12 de julho de 2004.

Um terceiro recurso discursivo utilizado para argumentar que o 11/9 foi “o dia em que tudo mudou” é a consagração desse evento como inesquecível. Cravar a ideia do “dia inesquecível”, devido ao enorme sofrimento que ele causou, foi fundamental para que a sociedade legitimasse a doutrina Bush e a tomada de decisões de caráter excepcional:

A great writer has said that the struggle of humanity against tyranny is the struggle of memory against forgetting. When we fight terror, we fight tyranny; and so we remember. We remember the perfect blueness of the sky that Tuesday morning. We remember the children traveling without their mothers when their planes were hijacked. We remember the cruelty of the murderers and the pain and anguish of the murdered [...] We remember how we felt that day: our sadness, the surge of love for our country, our anger, and our determination to right this huge wrong.¹²

A necessidade de se preservar o 11/9 na memória da população pode ser explicada, portanto, pela tentativa de abater possíveis questionamentos sobre a necessidade de se agir de forma ofensiva em assuntos de segurança. Afinal, uma vez que o discurso de securitização é aceito pela audiência, é conferida legitimidade às atitudes posteriormente tomadas pelos EUA: “Quando um procedimento foi legitimado através de uma retórica de segurança, torna-se institucionalizado como um conjunto de legitimidade e, a partir de então, é possível ter caixas pretas de segurança no processo político” (BUZAN; WÆVER; WILDE, 1998, p. 28, tradução nossa).¹³ Desse modo, a intenção de Bush foi fazer com que a memória do 11/9 viesse à mente daquele que se opusesse a alguma ação do governo estadunidense para garantir a segurança nacional.

O sucesso do ato discursivo de Bush fica evidente quando se percebe que a própria data dos ataques se tornou um ícone linguístico (JACKSON, 2005). Na língua inglesa, não é sequer necessário se referir ao mês ou ao ano dos atentados. Basta falar os números “9-11” (*nine eleven*) para comunicar a respeito desse dia simbólico. Jackson (2005, p. 33) explica que “isso não poderia ter sido alcançado sem a construção poderosa e contínua dos ataques como um dia especial de tragédia com seu próprio significado distinto” (tradução nossa).¹⁴

O ineditismo do 11/9

Para que determinada questão seja securitizada com sucesso, de acordo com Buzan, Wæver e Wilde (1998), ela deve (1) ser apresentada como uma ameaça

12. Discurso proferido em “The East Room”, em 11 de dezembro de 2001.

13. When this procedure has been legitimized through security rhetoric, it becomes institutionalized as a package legitimization, and it is thus possible to have black security boxes in the political process.

14. This could not have been achieved without the powerful and continuous construction of the attacks as a special day of tragedy with its own distinctive meaning.

existencial, (2) que demanda ação emergencial, (3) afetando, como resultado, as relações entre as unidades (domésticas ou do SI), devido à adoção de medidas excepcionais que desobedecem a regras e leis preexistentes.

No processo de securitização que teve início pós 11/9, um dos elementos primordiais para a apresentação da ameaça existencial foi a adjetivação desse evento como inédito, diferente de qualquer outro que tenha ocorrido anteriormente. Isso pode ser explicado pelo seguinte motivo: caso o fenômeno guardasse precedentes, não haveria a necessidade de se adotar medidas excepcionais. Afinal, as regras já teriam sido quebradas em algum ponto da história e as medidas teriam sido normalizadas, prescindindo do processo de securitização. Portanto, a fim de conferir caráter de ineditismo ao 11/9, Bush constrói a ideia de um “novo tipo de inimigo”, que realiza ofensivas contra um “novo tipo de alvo”, dando início a um “novo tipo de guerra”.

Primeiramente, Bush fixa a natureza dos ataques terroristas em 11/9 de forma bastante peculiar: “The deliberate and deadly attacks which were carried out yesterday against our country were more than acts of terror. They were acts of war. This will require our country to unite in steadfast determination and resolve”.¹⁵ Portanto, no que Jackson (2005, p. 27) considera a mais importante estratégia discursiva de todas, “os ataques – atos de terrorismo, violência simbólica e assassinato político por parte de atores não-estatais – foram transformados em atos de ‘guerra’” (tradução nossa).¹⁶

Essa estratégia é fortalecida em cada discurso: “I am going to describe to our leadership what I saw: the wreckage of New York City, the signs of the first battle of war”.¹⁷ Jackson (2005) explica que a reconstrução dos atos terroristas em atos de guerra permitiu que a resposta fosse encaixada em normas legais internacionais. O consequente ataque ao Afeganistão, por exemplo, foi legitimado como se tratando de um ato de autodefesa.

Entretanto, caracterizar os ataques como atos de guerra traz também um problema: atribui legitimidade aos terroristas, transformando-os em guerreiros, em vez de criminosos, e transformando-os em atores internacionais legítimos, já que só atores internacionais legítimos podem travar guerras (JACKSON, 2005). Por isso, para recriar a noção tradicional de guerra, Bush passa a construir essa “guerra”, que teve início em 11/9, como um “novo tipo de guerra”: a “guerra global contra o terrorismo”.¹⁸

O presidente reitera elementos que diferenciam essa guerra de qualquer ou-

15. Discurso proferido no “The Cabinet Room”, em 12 de setembro de 2001.

16. [...] the attacks were remade from acts of terrorism, symbolic violence and political murder by non-state actors, to acts of ‘war’.

17. Discurso proferido em Maryland, em 15 de setembro de 2001.

18. O termo original utilizado por Bush é “global war on terror”.

tra. Primeiramente, na tentativa de reforçar o ineditismo dessa guerra, Bush argumenta que os ataques não foram realizados apenas contra os EUA, mas contra um “novo tipo de alvo”: “Freedom and democracy are under attack”.¹⁹ Assim, o presidente coloca como objeto referente²⁰ todos os países defensores da liberdade e da democracia. Por isso, quando questionado a respeito da possibilidade de formação de uma coalizão internacional para deter a ameaça terrorista, o presidente responde da seguinte forma:

I’ve been on the phone this morning [...] with leaders from around the world who express their solidarity with this nation’s intention to rout out and to whip terrorism. They understand, fully understand that an act of war was declared on the United States of America. They understand, as well, that that act could have as easily been declared on them; that these people can’t stand freedom; they hate our values; they hate what America stands for. Many of the leaders understand it could have easily have happened to them.²¹

Além da narrativa sobre um “novo tipo de alvo”, Bush argumenta que essa guerra é travada contra um “novo tipo de inimigo”: “This will be a different kind of conflict against a different kind of enemy”.²² O que diferencia esse inimigo, segundo o presidente, é o fato de ele não estar cercado por fronteiras nem possuir raízes em um território fixo e unitário, o que lhe permite atacar e se esconder sob o abrigo daqueles que o apoiam.

The American people need to know that we’re facing a different enemy than we have ever faced. This enemy hides in shadows, and has no regard for human life. This is an enemy who preys on innocent and unsuspecting people, runs for cover.²³

Ao dizer que o inimigo se esconde em lugares desconhecidos, sem possuir fronteiras territoriais delimitadas, o presidente aponta um elemento peculiar a esse “novo tipo de guerra”: ela irá ocorrer em diferentes campos de batalha, o que faz com que o conflito seja mais complexo e demorado. Justificando-se através da natureza especial dessa guerra, por diversas vezes, Bush pede paciência ao povo estadunidense:

You see, the evildoers like to hit and then they try to hide. And slowly, but surely, we’re going to make sure they have no place to hide. Slowly, but surely, we’re going to move them out of their holes and what they think is safe havens, and get them

19. Discurso proferido no “The Cabinet Room”, em 12 de setembro de 2001.

20. O objeto referente, segundo Buzan, Waever e Wilde (1998), é aquele objeto cuja sobrevivência, de acordo com a narrativa discursiva, está sendo ameaçada. Não é necessário, entretanto, que o objeto referente esteja realmente correndo perigo. Basta que o discurso vise a convencer a audiência da existência de uma ameaça real.

21. Entrevista coletiva concedida em 13 de setembro de 2001.

22. Discurso transmitido pela rádio, em 15 de setembro de 2001.

23. Discurso proferido no “The Cabinet Room”, em 12 de setembro de 2001.

on the move. We're a patient nation. We're a nation who has got a long-term view; a nation that's come to realize that in order to make freedom prevail, the evildoers will be forced to run, and will eventually be brought to justice.²⁴

Para reiterar esse caráter inédito, Bush pede à sua audiência que abandone qualquer ideia a respeito de guerras convencionais que ocorreram no passado. O presidente alerta que, desta vez, não será possível acompanhar as batalhas pela televisão, já que elas não serão travadas em um único teatro de guerra, mas em diferentes arenas. Bush também argumenta que, por se tratar de um “novo tipo de inimigo”, que gosta de se esconder, será impossível que a população se inteire de tudo o que está ocorrendo. Por fim, ele lembra que os inimigos são múltiplos, espalhados por vários países que concordam em abrigá-los, o que faz com que os próximos campos de batalha só sejam definidos no decorrer do conflito. Seguindo tal lógica discursiva, Bush assim descreve essa guerra:

This war will not be like the war against Iraq a decade ago, with a decisive liberation of territory and a swift conclusion. It will not look like the air war above Kosovo two years ago, where no ground troops were used and not a single American was lost in combat. Our response involves far more than instant retaliation and isolated strikes. Americans should not expect one battle, but a lengthy campaign, unlike any other we have ever seen. It may include dramatic strikes, visible on TV, and covert operations, secret even in success.²⁵

Com a argumentação de que a “guerra global contra o terrorismo” é um conflito sem precedentes, Bush propõe que ocorra uma “mudança na mentalidade a respeito de guerras” (tradução nossa).²⁶ A própria doutrina Bush, caracterizada por uma postura ofensiva para garantir a sobrevivência do objeto referente, é justificada por essa ideia de ineditismo tanto do inimigo quanto do conflito contra ele travado.

The war on terror requires the collection and analysis of good intelligence. This is a different kind of war; we're dealing with an enemy which hides in caves and plots and plans, an enemy which doesn't move in flotillas, or battalions. And so, therefore, the intelligence-gathering is not only important to make a diplomatic case, it's really important to be able to find an enemy before they hurt us.²⁷

A fim de consolidar seu objetivo, construindo o 11/9 como um evento inédito, Bush omite o fato de a al Qaeda já realizar ofensivas contra os EUA desde 1990 (JACKSON, 2005). Em seus discursos, o presidente procura retratar o evento de 11/9 como caracterizado por ataques súbitos e inesperados. A intenção é argumentar que um inimigo totalmente desconhecido decidiu realizar atos de

24. Discurso proferido em Washington D.C., em 1 de outubro de 2001.

25. Discurso proferido em Washington D.C., em 20 de setembro de 2001.

26. This mind-set of war must change (Entrevista coletiva concedida em “The Oval Office”, em 19 de setembro de 2001).

27. Discurso proferido em “Renaissance Cleveland Hotel”, em Cleveland, Ohio, em 20 de março de 2006.

guerra repentinos contra os EUA, simplesmente por eles serem o maior representante da democracia e da paz. Porém, a rivalidade entre a al Qaeda e os EUA existe há mais de uma década:

In fact, al Qaeda had been gradually escalating their attacks against American military and political targets since the early 1990s. The group has been implicated in a long list of attacks on American interests including: various airliner and car bombings; the Khobar Towers bombing in Saudi Arabia; the East African Embassies bombings; the ramming of the USS Cole in Yemen; and the September 11, 2001 attacks. The Clinton administration responded militarily in 1998 by bombing al Qaeda camps in Afghanistan and a chemical factory in Sudan. (JACKSON, 2005, p. 43)

Entretanto, como veremos na última subseção deste artigo, Bush leva mais de três anos para admitir a ocorrência desses outros ataques. Na verdade, o próprio World Trade Center já havia sofrido ataques terroristas em 1993, no seguinte episódio:

On February 26, 1993, the terrorists drove a yellow Ford Econoline rental van into the basement of the WTC and set a timer to detonate the 1,500-pound urea-nitrate bomb. The massive blast created a cavernous crater 200 feet by 100 feet wide and seven stories deep in the garage of the World Trade Center... In all, the explosion killed six people, injured more than 1,000 [1,042], and caused nearly \$300 million in property damage. (PARACHINI, 2000, p. 53)

Fica claro que, durante muito tempo, Bush omite episódios importantes a fim de criar a ideia de que o 11/9 foi um evento realmente inédito. Ao argumentar sobre a existência de um “novo tipo de inimigo”, que possui intenções perversas contra um “novo tipo de alvo”, Bush defende a necessidade de se engajarem em um “novo tipo de guerra”. Justamente pelo ineditismo que a caracteriza, essa nova guerra requereria e justificaria a doutrina Bush, marcada pelo uso de “novas estratégias” para se lidar com os desafios postos por uma “nova era”.

Valorização identitária

A construção do 11/9 como o início de uma “nova era” requereu um discurso que expusesse aquilo que ameaçava a sobrevivência do objeto referente. Esse ato discursivo envolveu a construção da imagem do inimigo, do terrorista: do *other*. E esse *other* foi justaposto à imagem positiva dos Estados Unidos e de seus aliados: o *self*. Como dito por Campbell (1992), a identidade é securitizada através de discursos sobre o que representa um perigo. E esse perigo reside sempre na diferença: o que nos ameaça é aquilo que não somos ou não desejamos ser.

Ainda segundo Campbell, a identidade é reforçada ao mesmo tempo em que se constrói a ideia de perigo. Enquanto o ator securitizador²⁸ caracteriza o *other*

28. O ator securitizador é aquele que profere a narração discursiva que visa a securitizar determinado objeto referencial. Como em qualquer processo político, o sucesso da securitização depende da posição ocupada por esse ator securitizador (BUZAN; WÆVER; WILDE, 1998).

de forma negativa, ele também está construindo, de forma positiva, a identidade do *self*. De acordo com Campbell, nem a identidade nem tampouco a diferença são determinadas por Deus, pela natureza ou por comportamento intencional. Em vez disso, identidade e diferença são constituídas simultaneamente, uma em relação à outra.

Assim, os discursos de Bush serviram não apenas para firmar o *other* como algo temido e indesejável, mas também contribuíram para a definição e o fortalecimento identitário do *self*, como positivo e superior. Segundo Jackson (2005): “The language of politics is actually founded on this assumption and is deliberately structured to shape our perceptions of the world and the types of people in it” (JACKSON, 2005, p. 20). Nos discursos sobre o 11/9, esse evento foi usado como alicerce para a valorização da identidade estadunidense de duas formas: primeiramente, por reforçar o caráter negativo do *other* e, consequentemente, apreciar o *self*; e, em segundo lugar, por possibilitar a construção da ideia de uma “nova era”, que deu origem a um *self* ainda melhor.

O processo de justaposição das noções opostas de *self* e de *other* define o caráter negativo da ameaça, ao mesmo tempo em que valoriza o caráter positivo do *self*. Desde seus primeiros discursos referentes aos ataques de 11/9, Bush expõe o caráter perverso do inimigo – o *evil* – contrapondo-o à natureza benéfica dos EUA. Neste trecho, o presidente justapõe o fato de os terroristas destruírem vidas, enquanto os cidadãos estadunidenses lutam para salvá-las:

Today, our nation saw evil, the very worst of human nature. And we responded with the best of America – with the daring of our rescue workers, with the caring for strangers and neighbors who came to give blood and help in any way they could.²⁹

Em outros discursos, Bush segue relacionando características positivas do *self* a considerações negativas sobre o *other*. Há sempre a justaposição de adjetivações sobre os “assassinos”, os “inimigos”, os “terroristas”, contra qualidades dos cidadãos estadunidenses em geral – sejam eles “heróis”, como no trecho acima, ou vítimas, como neste trecho: “We’re facing a new kind of enemy, somebody so barbaric that they would fly airplanes into buildings full of innocent people”.³⁰ Em outros discursos, a imagem do *other* também é inferiorizada em relação a todos os cidadãos estadunidenses, mesmo àqueles que não participaram diretamente do evento: “Listen, this is a great nation; we’re a kind people. None of us could have envisioned the barbaric acts of these terrorists”.³¹

De acordo com Jackson (2005), sempre que é feita uma justaposição entre termos opostos, como primitivo/moderno ou nativo/estrangeiro, um dos termos

29. Discurso proferido em 11/9/2001.

30. Entrevista concedida em “The South Lawn”, em 16 de setembro de 2001.

31. Entrevista concedida em Maryland, em 16 de setembro de 2001.

é privilegiado em relação ao outro, com conotações positivas que o outro não tem (JACKSON, 2005). Por isso, a simples adjetivação do inimigo como pertencente à *barbárie*, pressupõe a definição do *self* como representante da *civilização*. E, de acordo com Jackson (2005, p. 21), “when politicians and newspapers describe the September 11, 2001 attacks as an ‘assault on civilization’, the reader know that (bad) barbarians are somehow involved”.

Em seus discursos, Bush justapõe outras características de *self* e *other*. Ele diz, frequentemente, que a “guerra global contra o terrorismo” é uma guerra entre o medo e a liberdade. Essa oposição entre adjetivos positivos e negativos fica ainda mais clara no seguinte trecho: “Freedom and fear, justice and cruelty, have always been at war, and we know that God is not neutral between them”.³² Bush ainda se refere a esse “novo tipo de inimigo” como representante do “pior tipo de *violência*”, falando sobre a necessidade de eliminar essa “escura ameaça da violência” contra os EUA e seus aliados.

É justamente essa dicotomia entre terroristas bárbaros e nações civilizadas que Bush utiliza para anunciar que os EUA, a partir de 11/9/2001, passam a considerar o mundo como dividido em dois polos: o lado dos “amantes da paz” – *freedom loving nations* – contra o lado dos terroristas e de seus apoiadores, que constituem o “eixo do mal” – *axis of evil*. Nesse discurso em que discute a “guerra global contra o terrorismo”, Bush apresenta às nações a opção de se posicionarem do lado dos valores defendidos pelo *self* ou do lado do *other*:

Every nation, in every region, now has a decision to make. Either you are with us, or you are with the terrorists. From this day forward, any nation that continues to harbor or support terrorism will be regarded by the United States as a hostile regime.³³

A relação entre *self* e *other* também pode ser apreendida neste outro discurso, proferido em uma ocasião posterior, em que Bush reitera a divisão do mundo em dois polos:

Today I want to update Americans on our global campaign against terror. The United States is presenting a clear choice to every nation: Stand with the civilized world, or stand with the terrorists. And for those nations that stand with the terrorists, there will be a heavy price.³⁴

Mesmo quando Bush não se refere diretamente aos terroristas ou a esse “novo tipo de inimigo”, a própria ênfase dos valores defendidos pelos EUA e a justaposição com valores por eles repugnados trazem embutida a caracterização desvalorizada do *other*: “Este é o chamado dos EUA, a nação mais livre do mundo.

32. Discurso proferido em reunião da Assembleia Geral das Nações Unidas, em Nova York, em 10 de novembro de 2001.

33. Discurso proferido em 20 de setembro de 2001, em Washington D.C.

34. Discurso transmitido pela rádio, em 6 de outubro de 2001.

Uma nação construída sobre valores fundamentais, que rejeita o ódio, rejeita a violência, rejeita assassinos, rejeita o mal” (tradução nossa).³⁵

Tendo explicitado a maneira como as noções de *self* e *other* foram reforçadas nos discursos de Bush, passamos para o segundo ponto, que diz respeito à construção identitária pós 11/9. Como vimos, os discursos presidenciais estadunidenses se baseiam na ideia de que o 11/9 foi um dia especial, que deu início a uma “nova era”, caracterizada pela presença de um “novo tipo de inimigo” e pelo consequente surgimento de um “novo tipo de guerra”. Agora, vamos demonstrar que essa “nova era” também foi construída discursivamente como uma era em que os EUA se tornaram “ainda melhores”.

Primeiramente, quando Bush justifica os ataques de 11/9, ele procura fazê-lo de forma a ressaltar as qualidades positivas dos EUA. O objetivo é alegar que o país foi atacado por suas virtudes, não por suas falhas. Jackson explica isso da seguinte forma:

(...) one of the key functions of the discourse surrounding the September 11, 2001 attacks was to deny or suppress any alternative reading of the events, particularly those that might implicate American foreign policy. It was important for senior officials to ensure that the attacks could not be understood as anything but an unprovoked and undeserved assault on an innocent and peaceful nation. (JACKSON, 2005, p. 54)

Por isso, Bush alega que seu país foi vítima de ataques por ser o maior representante da liberdade e da democracia. No dia dos ataques, a fim de responder aos questionamentos da população, Bush diz que os EUA foram escolhidos como alvo por serem os maiores representantes da liberdade e da oportunidade.³⁶

Ao longo do tempo, ele segue alimentando essa ideia. Em certa ocasião, Bush cita o memorial da Guerra da Coreia, em Washington, que possui a inscrição: *Freedom is not free* – “A liberdade não é livre” –, indo além em suas considerações: “Anyone who sets out to destroy freedom must eventually attack America, because we’re freedom’s home”.³⁷

Ou seja, quando argumenta que os EUA foram alvo de ataque em razão de suas qualidades positivas, Bush relaciona a identidade estadunidense aos valores da liberdade e da democracia. Como vimos anteriormente, o presidente coloca esses próprios valores como os verdadeiros alvos dos “atos de guerra” que ocorreram em 11/9.

35. This is the calling of the United States of America, the most free nation in the world. A nation built on fundamental values that rejects hate, rejects violence, rejects murderers, rejects evil. (Discurso proferido em Washington D.C., por ocasião da apresentação da lista dos “Terroristas mais procurados” e de pedido de apoio internacional, em 10 de outubro de 2001).

36. America was targeted for attack because we’re the brightest beacon for freedom and opportunity in the world. And no one will keep that light from shining (Discurso proferido em 11/9/2001).

37. Discurso proferido em Rockville, Maryland, em 30 de outubro de 2001.

Como é argumentado por Hansen (2006), todo discurso securitizador tenta reforçar a identidade superior do *self*, em contraste com a imagem inferior de um *other*. Em seu ato discursivo, Bush não se limita a construir a identidade estadunidense como melhor que a dos terroristas. Ele procura argumentar que os EUA ficaram ainda melhores pós 11/9, em relação ao que eram antes dos ataques. Sobre isso, Hansen (2006) argumenta, citando Ole Wæver, que a construção da identidade também pode ser baseada na construção temporal do *self*. Ou seja, a identidade dos EUA é construída não apenas em relação a um *other* externo, mas contra o *other* temporal de seu próprio passado.

Assim, de acordo com o presidente, os EUA se fortaleceram com o 11/9, pois os novos desafios postos por esse evento uniram a população em prol de um objetivo comum: garantir a segurança e a prevalência de valores como a liberdade e a democracia no SI. Essa ideia pode ser percebida no seguinte discurso: “We are a different country than we were on September the 10th – sadder and less innocent; stronger and more united; and in the face of ongoing threats, determined and courageous”.³⁸

Em seus discursos, Bush tenta mostrar que os atentados, apesar de toda a dor que causaram, trouxeram alguns benefícios. O presidente argumenta que, ao mesmo tempo em que o SI se prepara para enfrentar os desafios da “nova era”, os EUA renascem ainda mais fortes e mais hegemônicos. A intenção é mostrar que, enquanto “atos de guerra” causavam destruição e mortes, os estadunidenses se uniram em uma dor comum. Bush argumenta que os terroristas conseguiram produzir o efeito contrário do que pretendiam, pois os EUA ingressaram nessa “nova era” mais fortes do que nunca:

I believe the evildoers miscalculated when they struck America. They thought we would shy away. They thought their threats could hold this nation hostage. They must have felt like they could diminish our soul. But quite the opposite has taken place. They've strengthened the spirit of America. They have united the country. They have awoken a mighty nation that understands that freedom is under assault; a mighty nation that will not rest until those who think they can take freedom away from any citizen in the world are brought to justice.³⁹

Com essa estratégia discursiva de que a identidade estadunidense foi positivamente fortalecida, Bush fala sobre o surgimento de novos heróis, como bombeiros e policiais que trabalharam no 11/9. Além de tentar mostrar bondade e heroísmo intrínsecos aos cidadãos dos EUA, ele argumenta que os estadunidenses são o povo mais generoso do mundo. Nesse discurso, Bush sugere que a generosidade estadunidense ficou clara não apenas com a disseminação de ações voluntárias e beneficentes, pós 11/9, mas pela própria maneira como o país conduz essa “nova guerra”.

38. Discurso proferido em Atlanta, Georgia, em 8 de novembro de 2001.

39. Discurso proferido na sede do Federal Bureau of Investigation (FBI), em 25 de setembro de 2001.

We have a renewed appreciation of the character of America. We are a generous people, a thoughtful people who hurt, and share the sadness when people lose their life or when people are hurt. We've helped each other in every way we know, in donations, in acts of kindness, in public memorials, in private prayer. We have shown in difficult times that we're not just a world power, that we're a good and kind and courageous people. As we pursue the enemy in Afghanistan, we feed the innocents. As we try to bring justice to those who have harmed us, we find those who need help.⁴⁰

Por fim, na construção identitária de que os EUA renascem superiores pós 11/9, Bush também procura desenhar a imagem dos estadunidenses como um povo ainda mais patriota. Segundo o presidente, entre tantas outras mudanças, a “nova era” teve o papel de criar um novo e renovado espírito ufanista:

We're a nation of patriots. The attacks of September 11th, and the attacks that have followed, were designed to break our spirit. But instead, they've created a new spirit in America. We have a renewed spirit of patriotism. We see it in the countless flags that are flying everywhere in America. We hear it in familiar phrases that move us more deeply than ever before. We all know that this is one nation, under God. And we pray that God will bless America, the land that we all love, regardless of our race, regardless of our religion, regardless of where we live.⁴¹

A era da paz

Os discursos proferidos por Bush a partir de 11/9/2001 estão conectados por uma lógica que objetiva a construção de uma questão de segurança, cujo objeto referente são os valores da liberdade e da democracia. Ao consolidar a ideia de que os ataques deram início a uma “nova era”, na qual esses valores devem ser defendidos a qualquer custo, o presidente tenta justificar a adoção de medidas excepcionais e de uma postura agressiva por parte dos EUA e de seus aliados. A própria doutrina Bush também é justificada com base nas características peculiares a essa “nova era”. Segundo Bush, a era que se iniciou em 11/9 representa um período em que o maior objetivo é a busca da paz entre os Estados e seus povos. Por isso, o presidente denomina essa “nova era” como uma *era of peace* – a era da paz.

É comum que a palavra “paz” seja utilizada de forma utópica, representando a predominância da justiça social em lugar da violência (GALTUNG, 1969). Desde os primeiros discursos que Bush profere após 11/9, ele utiliza a força desse termo, divulgando seu objetivo de manter a paz mundial: “America and our friends and allies join with all those who want peace and security in the world, and we stand together to win the war against terrorism”.⁴²

A noção de paz como ausência da violência (GALTUNG, 1969) é declarada

40. Discurso proferido em Rockville, Maryland, em 30 de outubro de 2001.

41. Discurso proferido em Rockville, Maryland, em 30 de outubro de 2001.

42. Discurso proferido em Sarasota, Florida, e transmitido pela rádio e televisão, em 11/9/2001.

em um dos discursos de Bush, no qual ele alega que, pós 11 de setembro, os EUA assumem o compromisso de levar a paz ao Oriente Médio. A análise dos atos discursivos de Bush traz à tona um ponto fundamental relacionado a essa dicotomia entre violência e paz. O presidente argumenta, em diversas ocasiões, que a “nova era” deve ser marcada por uma luta constante em defesa da paz. Em 2003, esse discurso se torna ainda mais frequente, quando Bush tenta justificar a necessidade de uma “guerra justa” no Iraque, baseada na necessidade de garantir a paz: “We seek peace. We strive for peace. And sometimes peace must be defended”.⁴³

Bush tenta legitimar a guerra como um meio de consolidação da paz. Ao defender uma postura mais ofensiva dos EUA e de seus aliados, o presidente abusa do termo “paz”, procurando atribuir caráter positivo e louvável a seus objetivos. Ele retoma a afirmação de que os ataques ocorridos em 11/9 foram atos de guerra, para reforçar a ideia de que não foram os EUA que iniciaram o conflito. Nas palavras de Bush, uma “nova era”, repleta de novos perigos e ameaças, teve início graças às ações de um *other* bárbaro, violento e cruel. E, nesse novo cenário, o papel dos EUA é colocar um ponto final na batalha que os bárbaros travaram contra o mundo civilizado, transformando a “nova era” em uma “era de paz”: “We have no illusions about the difficulty of the issues that lie ahead. Yet, our nation’s resolve is strong. America is committed to ending this conflict and beginning an era of peace”.⁴⁴

Mudanças discursivas

Fairclough (2001) explica que um dos elementos constitutivos de um discurso é o seu grau de coerência. Segundo ele, um texto coerente é aquele “cujas partes constituintes (episódios, frases) são relacionadas com um sentido, de forma que o texto como um todo ‘faça sentido’, mesmo que haja relativamente poucos marcadores formais dessas relações de sentido” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 113).

Entretanto, ao longo do tempo, é natural que um ato discursivo mude de foco de acordo com o contexto em que está inserido, sem prejuízo de sua argumentação central. Nas duas subseções seguintes, apresentamos como os discursos proferidos por Bush entre 11/9/2001 e 11/9/2008 se modificaram em sete anos. Já na última subseção destacamos algumas contradições presentes nesses atos discursivos.

A caça a Bin Laden

Na mesma semana em que ocorreram os atentados em território estadunidense, Bush apresentou Osama bin Laden como o principal suspeito. É fato que, desde o princípio, o presidente argumenta que a guerra contra o terrorismo não

43. Discurso de “State of the Union”, proferido em Washington D.C., em janeiro de 2003.

44. Discurso de “State of the Union”, proferido em The Rose Garden, em 4 de abril de 2002.

se resume à captura de um único indivíduo: “Our mission is not just Osama bin Laden, the al Qaeda organization. Our mission is to battle terrorism and to join with freedom loving people”.⁴⁵

Entretanto, nota-se uma mudança significativa no padrão discursivo de Bush. No ano dos atentados, a imagem de bin Laden é construída discursivamente como o alvo maior da guerra contra o terror. É como se encontrá-lo fosse primordial para mostrar ao mundo que a justiça estava sendo feita. A captura de bin Laden representaria, portanto, o troféu da vitória estadunidense. Em entrevista concedida quatro dias após os atentados, o presidente expressou a sua determinação de buscá-lo e de fazer justiça.

All I can tell you is that Osama bin Laden is a prime suspect, and the people who house him, encourage him, provide food, comfort or money are on notice. [...] We’re going to find those who – those evil-doers, those barbaric people who attacked our country and we’re going to hold them accountable.

Em outra ocasião, Bush faz afirmativas ainda mais assertivas sobre a necessidade de se capturar bin Laden. A segurança de que o terrorista será encontrado é expressa quando Bush responde a um repórter que lhe pergunta se ele está convencido de que Osama é o personagem central por trás do evento: “There is no question he is what we would call a prime suspect. And if he thinks he can hide and run from the United States and our allies, he will be sorely mistaken”.⁴⁶

Com o passar do tempo, Bush deixa de incluir Bin Laden em seus discursos. Ele volta a falar sobre o tema apenas quando pressionado por repórteres, que insistem em saber por que o terrorista ainda não foi encontrado:

Listen, if our military knew where Mr. bin Laden was, he would be brought to justice. We’re hunting him down. He runs and he hides. But as we’ve said repeatedly, the noose is beginning to narrow, the net is getting tighter. But this is a difficult assignment. [...] But the objective is yet to be achieved, and we’re not leaving until we do achieve the objective.⁴⁷

Posteriormente, Bush abandona o argumento de que os EUA estariam próximos de encontrar bin Laden. Nesta entrevista, o presidente admite, publicamente, ainda estar longe de capturar o seu “troféu”:

I don’t know where he is. I haven’t heard much from him recently. And – which means he could be in a cave that doesn’t have an opening to it anymore, or could be in a cave where he can get out, or may have tried to slither out into neighboring Pakistan. We don’t know. But I will tell you this: We’re going to find him.⁴⁸

45. Entrevista concedida em Washington D.C., em 15 de setembro de 2001.

46. Entrevista concedida em Washington D.C., em 15 de setembro de 2001.

47. Entrevista concedida em Washington D.C., em 19 de novembro de 2001.

48. Entrevista concedida em Washington D.C., em 21 de dezembro de 2001.

Mais tarde, a narrativa muda radicalmente e o presidente remodela seus discursos diante da aparente impossibilidade de se encontrar o “alvo primordial” dessa guerra. Questionado a respeito do paradeiro de bin Laden, Bush procura mostrar que ele é apenas um homem a mais, de pouca importância quando comparado à grande luta global contra o terrorismo.

Those who are preoccupied with one individual do not understand the struggle. We fight terror wherever terror exists. And for those people who say, well, one person matters, they elevate that person to a status that he does not deserve. I don't know whether Mr. bin Laden is alive or is dead. I do know we haven't heard from him in a long period of time.⁴⁹

Relação oportuna

Sob a alegação de que o 11/9 deu início a uma “nova era”, caracterizada pela emergência de “novas ameaças”, Bush argumenta que os EUA devem assumir “novas responsabilidades”, a fim de garantir a paz e a sobrevivência da liberdade e da democracia.

No primeiro “State of the Union Address”⁵⁰ dessa “nova era”, Bush fala sobre os “perigos sem precedentes”⁵¹ que o “mundo civilizado” passou a enfrentar. Para responder a tais ameaças, o presidente declara que um de seus objetivos é evitar que regimes que patrocinam o terror ameacem os EUA e seus aliados com armas de destruição em massa.⁵² Entre os ditos regimes hostis, Bush cita a Coreia do Norte, o Irã e o Iraque, com especial atenção para este último: “Iraq continues to flaunt its hostility toward America and to support terror. (...) This is a regime that has something to hide from the civilized world”.⁵³

Para incluir o Iraque entre os regimes que rejeitam a liberdade, encaixando-o na categoria do *other*, Bush faz relações entre o então líder desse Estado, Saddam Hussein, e as redes terroristas combatidas nessa “nova guerra”:

49. Entrevista concedida em St Petersburg, Florida, em 8 de março de 2002.

50. O “State of the Union” é um discurso proferido anualmente pelo presidente dos EUA, a fim de informar o Congresso a respeito das condições da União, naquele momento. A maioria das mensagens anuais trata da agenda legislativa e das prioridades nacionais da União. A obrigatoriedade do “State of the Union” está definida pela própria Constituição dos EUA. Article II, Sec. 3, U.S. Constitution (THE WHITE HOUSE. From time to time: history of the State of the Union. Disponível em: <<http://www.whitehouse.gov/stateoftheunion/history.html>>).

51. As we gather tonight, our nation is at war, our economy is in recession, and the civilized world faces unprecedented dangers. (Discurso proferido em Washington D.C., em 29 de janeiro de 2002).

52. [...] to prevent regimes that sponsor terror from threatening America or our friends and allies with weapons of mass destruction. (Discurso proferido em Washington D.C., em 29 de janeiro de 2002).

53. Discurso proferido em Washington D.C., em 29 de janeiro de 2002.

Before September the 11th, many in the world believed that Saddam Hussein could be contained. But chemical agents, lethal viruses and shadowy terrorist networks are not easily contained. Imagine those 19 hijackers with other weapons and other plans -- this time armed by Saddam Hussein. It would take one vial, one canister, one crate slipped into this country to bring a day of horror like none we have ever known. We will do everything in our power to make sure that that day never comes.⁵⁴

Engajado na tentativa de convencer a sua audiência (composta tanto pela sociedade estadunidense quanto pela sociedade internacional) a respeito dos perigos representados pelo Iraque, Bush reitera a “inegável” relação entre Saddam Hussein e o terrorismo. Neste discurso, o presidente conecta diretamente o líder iraquiano, pertencente ao “eixo do mal”, à rede terrorista al Qaeda:

One of the greatest dangers we face is that weapons of mass destruction might be passed to terrorists who would not hesitate to use those weapons. Saddam Hussein has longstanding, direct and continuing ties to terrorist networks. Senior members of Iraqi intelligence and al Qaeda have met at least eight times since the early 1990s. Iraq has sent bomb-making and document forgery experts to work with al Qaeda. Iraq has also provided al Qaeda with chemical and biological weapons training. And an al Qaeda operative was sent to Iraq several times in the late 1990s for help in acquiring poisons and gases.⁵⁵

Entretanto, enquanto os EUA levam a cabo a invasão ao Iraque, ou como é chamada retoricamente, *Operation Iraqi Freedom* – que pode ser traduzida como Operação Liberdade Iraquiana – essa relação direta não foi provada empiricamente. Mais uma vez, assim como ocorreu com o episódio da caça a bin Laden, Bush elimina esse elemento de seus discursos, tentando se esquivar quando questionado por repórteres:

Q: Saddam Hussein's alleged ties to al Qaeda were a key part of your justification for war. Yet, your own intelligence report, the NIE, defined it as – quote – “low confidence that Saddam would give weapons to al Qaeda.” Were those links exaggerated to justify war? Or can you finally offer us some definitive evidence that Saddam was working with al Qaeda terrorists?

THE PRESIDENT: Yes. I think, first of all, remember I just said we've been there for 90 days since the cessation of major military operations. (...) But it's going to take time for us to gather the evidence and analyze the mounds of evidence, literally, the miles of documents that we have uncovered. (...) And it's just going to take awhile, and I'm confident the truth will come out. And there is no doubt in my mind, Campbell, that Saddam Hussein was a threat to the United States security, and a threat to peace in the region.⁵⁶

As contradições discursivas no que diz respeito às ligações entre Saddam Hussein e redes terroristas, principalmente a al Qaeda, podem apontar para certo

54. Discurso de “State of the Union” proferido em Washington D.C., em 28 de janeiro de 2003.

55. Discurso transmitido pela rádio, em 8 de fevereiro de 2003.

56. Entrevista coletiva concedida em 30 de julho de 2003.

oportunismo do presidente, com a intenção de exagerar o cenário apocalíptico dessa “nova era”, assombrada por novos tipos de ameaças. Em 2006, as pressões continuam para que sejam apresentadas provas satisfatórias a respeito da real necessidade da chamada *Operation Iraq Freedom*:

Q: Before we went to war in Iraq we said there were three main reasons for going to war in Iraq: weapons of mass destruction, the claim that Iraq was sponsoring terrorists who had attacked us on 9/11, and that Iraq had purchased nuclear materials from Niger. All three of those turned out to be false. My question is, how do we restore confidence that Americans may have in their leaders and to be sure that the information they are getting now is correct?

THE PRESIDENT: That’s a great question. First, just if I might correct a misperception. I don’t think we ever said – at least I know I didn’t say that there was a direct connection between September the 11th and Saddam Hussein. We did say that he was a state sponsor of terror – by the way, not declared a state sponsor of terror by me, but declared by other administrations. (...) And so the state sponsor of terror was a declaration by a previous administration. But I don’t want to be argumentative, but I was very careful never to say that Saddam Hussein ordered the attacks on America.⁵⁷

Ao lermos esse discurso, fica claro que Bush altera sua linha de argumentação diante da inexistência de evidências que comprovem seus atos discursivos anteriores. Nesse último ele chega inclusive a negar ter declarado que o Iraque patrocinava o terrorismo, atribuindo esse argumento a administrações anteriores. Percebe-se, portanto, que os discursos proferidos por Bush ao longo de sete anos sofrem alterações de acordo com o contexto em que estão inseridos e com a ideia que ele objetiva construir.

Falso ineditismo

Quando se cria um discurso sobre segurança, é natural a utilização de elementos preexistentes. Para que determinada ameaça seja apresentada como colocando em risco a sobrevivência do objeto referente, uma das estratégias utilizadas pelo ator securitizador é relembrar eventos passados que tenham alguma relação com a questão de segurança atual (BUZAN; WÆVER; WILDE, 1998).

Entretanto, as comparações feitas por Bush ao falar sobre o 11/9 e a guerra então iniciada entram em contradição com a ideia de ineditismo que ele mesmo construiu. Ao admitir que houve outros ataques similares em território estadunidense, o presidente enfraquece a imagem de que o 11/9 foi “o dia em que tudo mudou”. Ao ressaltar que os EUA já enfrentaram oponentes similares, Bush corrompe seu próprio argumento de que esse é um “novo tipo de inimigo”. Ao argumentar que já foram travadas batalhas em nome da liberdade e da democracia, ele debilita a noção de que esse é um “novo tipo de guerra”. Vamos analisar, portanto,

57. Entrevista concedida em Cleveland, Ohio, em 20 de março de 2006.

como algumas contradições internas do ato discursivo de Bush abalaram a ideia de que o 11/9 foi um evento inédito e simbólico, que representou o marco divisório entre o antigo SI e a “nova era”.

Apesar de dizer que uma das lições aprendidas em 11/9 foi que os oceanos não podem mais proteger os EUA, Bush compara esse evento à ofensiva à base naval de Pearl Harbor, em 7 de dezembro de 1941. Neste trecho, Bush procura fazer um paralelo entre as “lições do 11/9” e as “lições do Pearl Harbor”, argumentando que essas últimas possibilitaram a consolidação de novas democracias:

Twice in six decades, a sudden attack on the United States launched our country into a global conflict, and began a period of serious reflection on America's place in the world. The bombing of Pearl Harbor taught America that unopposed tyranny, even on far-away continents, could draw our country into a struggle for our own survival. And our reflection on that lesson led us to help build peaceful democracies in the ruins of tyranny, to unite free nations in the NATO Alliance, and to establish a firm commitment to peace in the Pacific that continues to this day.⁵⁸

Segundo Jackson (2005), argumentar que há um paralelo entre o 11/9 e o Pearl Harbor é uma forma de sugerir, novamente, que os ataques terroristas foram atos de guerra realizados contra os EUA. Mais que isso, é uma tentativa de desconectar o 11/9 de qualquer outro ataque realizado pela al Qaeda anteriormente, com o objetivo de construir a ideia de que, assim como o Pearl Harbor, o 11/9 foi um ataque-surpresa.

Em contradições ainda mais evidentes, Bush enfraquece a ideia de que o 11/9/2001 representou o surgimento de um “novo tipo de inimigo”. Apenas seis meses após os ataques, Bush admite que esse evento não representou o início do terrorismo global, ou seja, que esse “novo tipo de inimigo” não era tão novo quanto se argumentava:

Many nations and many families have lived in the shadows of terrorism for decades –enduring years of mindless and merciless killing. September the 11th was not the beginning of global terror, but it was the beginning of the world's concerted response. History will know that day not only as a day of tragedy, but as a day of decision -- when the civilized world was stirred to anger and to action. And the terrorists will remember September 11th as the day their reckoning began.⁵⁹

A partir de então, Bush passa a admitir a ocorrência de outros atos terroristas no passado, inclusive em territórios estadunidenses. Em 2004, ele relembra que na primeira vez em que o World Trade Center foi atacado, em 1993, alguns culpados foram penalizados, o que não foi suficiente para eliminar a ameaça terrorista:

I know that some people question if America is really in a war at all. They view terrorism more as a crime, a problem to be solved mainly with law enforcement and indictments. After the World Trade Center was first attacked in 1993, some of

58. Discurso proferido na “University Fort Lesley J. McNair”, em 8 de março de 2005.

59. Discurso proferido na “University Fort Lesley J. McNair”, em 8 de março de 2005.

the guilty were indicted and tried and convicted, and sent to prison. But the matter was not settled. The terrorists were still training and plotting in other nations, and drawing up more ambitious plans. After the chaos and carnage of September the 11th, it is not enough to serve our enemies with legal papers. The terrorists and their supporters declared war on the United States, and war is what they got.⁶⁰

Fica evidente, portanto, que Bush estabelece paralelos de forma instrumental: quando é oportuno dizer que já ocorreram outros ataques terroristas em solo estadunidense, o que torna ainda mais urgente uma resposta contra essa ameaça, o presidente relembra episódios anteriores. Como neste exemplo: “In one way, that assault was the culmination of decades of escalating violence – from the killing of U.S. Marines in Beirut, to the bombing at the World Trade Center, to the attacks on American embassies in Africa, to the attacks on the USS Cole.”⁶¹ Entretanto, quando o objetivo é demonstrar que o 11/9 representou um evento sem precedentes, cujo ineditismo foi responsável por mudar o mundo e dar início a uma “nova era”, Bush omite a ocorrência de outras ofensivas terroristas em solo estadunidense.

É importante lembrar que, pouco depois dos ataques, Bush havia proferido um discurso em que considerava como uma das provas do ineditismo do 11/9 o fato de que ele havia sido direcionado contra civis: “Americans have known surprise attacks – but never before on thousands of civilians”.⁶² Nesse mesmo ato discursivo, Bush havia reiterado que o 11/9 marcou o início de uma “nova era”, em que a liberdade se encontra sob ameaça: “All of this was brought upon us in a single day – and night fell on a different world, a world where freedom itself is under attack”.⁶³ Entretanto, em 2007, Bush relembra antigos ataques que ocorreram nos EUA, contradizendo esses dois pontos que acabamos de expor:

I realized that there is an enemy of the United States that is active and is lethal. At further study of that enemy, I realized that they share an ideology, that these weren't -- that the -- and when you really think about it, the September the 11th attack was not the first attack. There was a 1993 World Trade Center attack, there was attacks on our embassies in East Africa, there was an attack on the USS Cole, there have been other attacks on U.S. citizens, and that these attacks were instigated and carried out by cold-blooded killers who have a belief system. They are threatened by free societies.⁶⁴

Porém, não é apenas ao admitir a ocorrência de atentados terroristas anteriores ao 11/9 que Bush se contradiz. Na verdade, ao mesmo tempo em que fala sobre um “novo tipo de inimigo”, um adversário nunca antes visto, o presidente tece

60. Discurso proferido em Washington D.C., em 20 de janeiro de 2004.

61. Discurso proferido na “University Fort Lesley J. McNair”, em 8 de março de 2005.

62. Discurso proferido em Washington D.C., em 20 de setembro de 2001.

63. Discurso proferido em Washington D.C., em 20 de setembro de 2001.

64. Discurso proferido em Tipp City, Ohio, em 19 de abril de 2007.

comparações com outros opositores. Através de uma das alegorias mais utilizadas, Bush constrói discursivamente a relação entre terroristas e fascistas:

We've seen their kind before. The terrorists are the heirs to fascism. They have the same will to power, the same disdain for the individual, the same mad global ambitions. And they will be dealt with in just the same way. Like all fascists, the terrorists cannot be appeased: they must be defeated.⁶⁵

Portanto, a construção da ideia de uma “nova era” entra em contradição ao percebermos que o caráter inédito do inimigo e, conseqüentemente, da guerra, é enfraquecido pelo próprio ato discursivo do presidente. Ou seja, simultaneamente à lapidação da imagem de que um novo inimigo se manifesta através dos ataques do 11/9, Bush admite que esse opositor já havia agido antes.

Da mesma forma, o presidente procura convencer a população sobre a necessidade de se travar uma guerra diferente de qualquer outra batalha que já tenha acontecido. Porém, ele compara essa “guerra inédita” com outros conflitos, principalmente com a Segunda Guerra Mundial ou com a Guerra Fria. Quanto a essa primeira, destacamos o seguinte trecho:

One veteran of World War II recalled the spirit of the American military and the relief it brought to suffering peoples. America, he said, has sent the best of her young men around the world, not to conquer, but to liberate; not to terrorize, but to help. And this is true in Afghanistan today. And this has always been true of the men and women who have served our nation. This nation is freedom's home, and freedom's defender.⁶⁶

Além de a noção de um inimigo sem território fixo não ser, na realidade, inédita, o discurso acima mostra que a missão declarada de “levar a liberdade” ao resto do mundo também nada tem de inovadora.

Argumentando que a “guerra global contra o terrorismo” objetiva defender a liberdade, Bush a compara, diversas vezes, com a Guerra Fria. Neste ato discursivo, o presidente relaciona os dois conflitos da seguinte forma: “The ideological struggle of the Cold War is a potential parallel. It's freedom versus communism. This is a – this is a struggle with freedom versus extreme radicalism”.⁶⁷ Ao considerar a “guerra global contra o terrorismo” e a Guerra Fria como duas disputas ideológicas similares, Bush torna o seu discurso mais facilmente compreensível pela população.

Inserir em um ato discursivo elementos preexistentes, tecendo comparações históricas, é um recurso bastante comum. Porém, quando Bush relaciona os eventos do presente a eventos do passado, ele desmascara o próprio ineditismo desse “novo tipo de guerra”. Logo, a comparação de diferentes discursos proferidos pelo

65. Discurso proferido em Norfolk, Virginia, em 7 de dezembro de 2001.

66. Discurso proferido em New York, em 11 de novembro de 2001.

67. Entrevista concedida em Tipp City, Ohio, em 19 de abril de 2007.

presidente dos EUA ao longo do tempo revela que a ideia de uma “nova era”, construída por Bush, traz os sinais de sua fragilidade na própria narrativa que a edificou.

Conclusão

A aplicação da análise de discursos nem sempre é sinônimo da identificação de uma hierarquia de verdades, mas é, sem dúvidas, um instrumento eficaz para se compreender as percepções que determinado autor deseja construir. Por esse motivo, o estudo dos atos discursivos de Bush não apenas nos revela a tentativa de se arquitetar a ideia do nascimento de uma “nova era” pós 11/9, mas as principais estratégias envolvidas nessa construção.

Quando o primeiro avião sequestrado atingiu um dos edifícios do World Trade Center, em Nova Iorque, o atual presidente dos EUA, Bush, se encontrava na escola infantil Emma Booker, em Sarasota, Flórida. Foi desse local que Bush anunciou a postura que marcaria a sua política de segurança a partir de então: “Terrorism against our nation will not stand”.⁶⁸ A partir de então, teve início um processo de securitização, com o objetivo declarado de garantir a sobrevivência dos valores da liberdade e da democracia, contra a ameaça existencial posta por inimigos sem fronteiras e sem território fixo. Inimigos (salvo exceções) também sem rostos, que, assim como os campos de batalha, só seriam definidos no decorrer do conflito.

Se a posição ocupada pelo ator securitizador influencia o sucesso do movimento de securitização, muito se podia esperar da construção de uma questão de segurança encabeçada pelo homem que ocupa a cadeira principal do Salão Oval da Casa Branca. Assim, através da retórica de que o SI acabava de entrar em uma “nova era”, Bush conseguiu o apoio de vários países do mundo a uma “guerra global” contra o “emergente” perigo do terrorismo.

Entretanto, não foi apenas o papel de destaque representado pelo presidente dos EUA que fez com que seu discurso securitizador obtivesse sucesso. Na verdade, a dramatização do assunto em questão foi feita de forma intensa, seguindo a lógica de fixar o que ocorreria se não fosse adotada uma postura ofensiva nessa luta contra um “novo tipo de inimigo”. Como parte dessa estratégia, Bush recorreu a eventos como os atentados terroristas em Madri (2004) e em Londres (2005), com a intenção de mostrar a necessidade de se reagir aos novos desafios postos por uma “nova era”. Afinal, argumentou Bush, seriam grandes os riscos que poderiam resultar do esquecimento das “lições” do 11/9.

Como em todo processo de securitização, a legitimação por parte da audiência foi fundamental para sustentar a doutrina Bush. A construção da imagem do inimigo como um bárbaro e cruel representante do medo e da violência teve o

68. Discurso proferido na escola infantil Emma Booker, em Sarasota, Flórida, em 11/9/2001.

papel crucial de convencer a população de que uma ameaça existencial contínua pairava sobre os valores da democracia e da liberdade, dos quais os EUA seriam o principal porta-voz. Outro ponto de destaque foi a argumentação de que a “guerra global contra o terrorismo” seria um meio de transformar a “nova era” em uma “era da paz”. O termo, apesar de seu caráter subjetivo, trouxe consigo uma carga altamente positiva, que enobreceu o processo de securitização.

Outras estratégias também desempenharam um papel fundamental na constituição da ideia do nascimento de uma “nova era” no SI. Tão importante quanto qualificar o 11/9 como “o dia em que tudo mudou” foi a construção desse evento como inédito, dando início a uma “nova guerra” contra um “novo tipo de inimigo”, que objetiva a destruição de um “novo tipo de alvo”. Insistir no ineditismo do 11/9 foi fundamental para elevar o seu grau de importância. A criação da ideia de que o evento era sem precedentes foi indispensável para o argumento de que o SI estava entrando em uma “nova era”. Afinal, se o mundo havia assistido a um evento nunca antes ocorrido, naquele exato momento, o mundo acabava de se transformar.

As mudanças e contradições discursivas que apontamos, principalmente no que diz respeito ao caráter inédito do 11/9, abalam a coerência interna dos discursos, mas não os deslegitimam. Na verdade, a força dos atos discursivos de Bush continuou se comprovando mesmo após as crescentes críticas à Guerra no Iraque e a intensificação de movimentos antiamericanistas em todo o mundo. Em ocasião de discurso proferido por Bush em 2006, uma cidadã estadunidense se manifesta, dizendo que o presidente demonstrara imensa coragem política na guerra contra o terror.⁶⁹

Uma vez construída a ideia de que uma ameaça existencial demandava ações emergenciais dos Estados “amantes da paz” e após sua validação pela audiência, o processo de securitização chegou à sua terceira dimensão, com a adoção de medidas excepcionais e a quebra de regras preexistentes. A partir de então, teve início uma nova redação das leis de guerra e, até mesmo, uma série de violações de direitos humanos (JACKSON, 2005). Além disso, foram criados obstáculos à imigração e à busca de asilo, e um número crescente de movimentos rebeldes e dissidentes foi encaixado na definição de terrorismo. Nos EUA, assistiu-se à criação de novas agências e departamentos, como o *Department of Homeland Security* e, também, de novas legislações, como o “Ato Patriota”.

Como construtor social da realidade, o ato discursivo estabelece uma relação reflexiva com os fatos, representando uma forma de o sujeito agir sobre o mundo, por meio de sua enunciação. A princípio, a narrativa não precisa espelhar o real de forma objetiva, mas, à medida que é edificada, acaba causando modificações, em maior ou em menor escala. A longo prazo, a construção da ideia de uma “nova

69. And I wanted to say to you, Mr. President, that you have shown immense political courage (...) on the war on terror (Discurso proferido na Faculdade Central Piedmont Community College, Charlotte, Carolina do Norte, em 6 de abril de 2006).

era” no SI acabou afetando a tomada de decisão de vários países, principalmente na esfera da segurança. Nos EUA, cenário dos ataques terroristas, a doutrina Bush caracterizou uma postura ofensiva desse país, sob a justificativa de que era preciso eliminar ameaças terroristas, antes mesmo que elas pudessem ser comprovadas. Enfim, o dia 11/9/2001, ao ser construído por Bush como “o dia em que tudo mudou”, acabou causando, de fato, diversas alterações no SI.

Abstract

This paper presents an analysis of speeches delivered by the former American president George W. Bush between September 11, 2001 and September 11, 2008. Its goal is to identify the main strategies used for the construction of the idea that the terrorist attacks of September 11, 2001 represented the first milestone of a “new age” in the international framework. The study has a constructivist foundation and is based essentially on the model of discourse analysis elaborated by Norman Fairclough. Additionally, the research is supported by theories that explain how the construction of a security issue takes place, in order to elucidate the process of securitization conducted by the United States since September 11, 2001.

Key words: September 11, 2001; Discourse analysis; The United States; New era; Security.

Referências

- BUZAN, Barry; WÆVER, Ole; WILDE, Jaap de. **Security: a new framework for analysis**. Boulder: Lynne Rienner, 1998.
- CAMPBELL, David. **Writing security: United States foreign policy and the politics of identity**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1992.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: UnB, 2001.
- GALTUNG, Johan. Violence, peace and peace research. **Journal of Peace Research**, Oslo, v. 6, n. 3, p. 167-191, 1969.
- HANSEN, Lene. **Security as practice: discourse analysis and the Bosnian war**. London: Routledge, 2006. (The new international relations series).
- JACKSON, Richard. **Writing the war on terrorism: language, politics and counter-terrorism**. Manchester and New York: Manchester University Press, 2005.
- MILLIKEN, Jennifer. The study of discourse in International Relations: a critique of research and methods. **European Journal of International Relations**, v. 5, n. 2, p. 225-254, 1999.
- PARACHINI, John V. The World Trade Center Bombers (1993). In: TUCKER, Jonathan B. (Ed.). **Toxic Terror: assessing terrorist use of chemical and biological weapons**. Cambridge, MIT Press, 2000. p. 185-206. Disponível em: <<http://cns.mii.edu/pubs/reports/wtc93.htm#fn3>>. Acesso em: 6 nov. 2008.

MARIANA VITÓRIA FONTES COSTA

NATIONAL COMMISSION ON TERRORIST ATTACKS UPON THE UNITED STATES. **The 9-11 Commission Report:** final report of the national commission on terrorist attacks upon the United States, Official Government Edition. 24 de abril de 2007. Disponível em: <<http://www.gpoaccess.gov/911/index.html>>. Acesso em: 6 nov. 2008.

UNITED STATES OF AMERICAN. The White House. **From time to time:** history of the State of the Union. Disponível em: <<http://www.whitehouse.gov/stateoftheunion/history.html>>. Acesso em: 17 out. 2008.

UNITED STATES OF AMERICAN. The White House. **Presidential news and speeches.** Disponível em: <<http://www.whitehouse.gov/news/>>. Acesso em: 10 ago. 2008.